

Infografia além da objetividade

Infographics beyond objectivity

Mariana Lapolli, Dra.

Infografia, estética,
funcionalidade

O objetivo deste artigo é discutir o papel funcional e estético de um infográfico. Para isto, dados foram coletados a partir entrevistas semiestruturadas com infografistas e pesquisadores da área, bem como a partir de uma pesquisa bibliográfica. Para exemplificar esta discussão, são apresentados os trabalhos desenvolvidos pelo infografista, jornalista, artista, consultor e professor Jaime Serra. Seus infográficos demonstram um deslocamento da obra do âmbito jornalístico para o artístico, oferecendo outra dimensão para o valor estético das infografias, demonstrando que com este recurso é possível ir além da objetividade.

*Infographics, aesthetics,
functionality*

The purpose of this article is to discuss the functional and aesthetic role of an infographic. For this, data were collected from semistructured interviews with infographics and researchers in the area, as well as from a bibliographical research. To exemplify this discussion, works developed by the infographer, journalist, artist, consultant and professor Jaime Serra are presented. His infographics demonstrate a shift from journalistic to artistic, offering another dimension to the aesthetic value of infographics, demonstrating that with this resource it is possible to go beyond objectivity.

1 Introdução

Infografia é um recurso comunicativo caracterizado pela união de imagens (abstratas e/ou realistas) e textos para apresentar conteúdos informativos de maneira clara, concisa e atraente. Mas como trabalhar seus aspectos visuais sem perder de vista a funcionalidade de um infográfico? Esta foi a principal questão que impulsionou a presente pesquisa.

A discussão do equilíbrio entre a objetividade e o cumprimento do requisito estético numa infografia foi evidenciada no início da década de 1990 quando Edward Tufte (1990) atacou o trabalho de Nigel Holmes para a revista *Time* no livro *Envisioning Information*. Tufte acusou o colega de profissão de preencher seus gráficos com ilustrações irrelevantes que infantilizavam a informação e dificultavam a leitura. No entanto, Holmes defendeu-se afirmando que os gráficos

apontados datavam dos anos 1980, retratando o estilo de ilustrações utilizadas na época (CAIRO, 2013).

O embate é antigo porém o tema ecoa na atualidade e, por isso, infografistas e pesquisadores da área foram questionados, com o intuito de discutir o papel funcional e estético de um infográfico. Os dados foram obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas. Além disso, uma pesquisa bibliográfica foi realizada a partir de livros, documentos eletrônicos, *papers* etc. O trabalho do infografista, jornalista, artista, consultor e professor Jaime Serra é apresentado como exemplo, uma vez que este profissional lida com a infografia sob o viés jornalístico e artístico, trazendo à tona a questão da objetividade e também da subjetividade neste ramo.

2 Infografia na visão de pesquisadores e infografistas

A infografia existe desde os primórdios da comunicação humana, sendo um fenômeno visual que pode ser encontrado nos restos de culturas primitivas em paredes de cavernas ou em pedras. Também pode ser vista na Babilônia e no Egito nas paredes dos templos e nos papiros (De Pablos, 1998). Com a evolução das tecnologias da informação e comunicação, os infográficos sofreram mudanças devido ao processo de produção de imagens que foi facilitado. Apesar do reconhecimento da existência da infografia há tantos anos, este termo surgiu somente em 1988 durante um seminário promovido pela Universidade de Navarra na Espanha.

O que foi produzido antes disso, mesmo que para cumprir o papel de explicar, recebeu denominações que variaram de acordo com sua forma: mapa, gráfico de curva, gráfico de barra, perspectiva explodida etc.. A partir dos anos 1980, essas categorias foram reunidas [...] sob a denominação Infografia – primeiramente no terreno do jornalismo impresso e, um pouco mais tarde, alcançando outros campos (Moraes, 2013, p. 23).

Quanto à sua definição, entende-se infografia como um sistema híbrido de comunicação que utiliza o sistema de comunicação verbal (palavras e sentenças) associado ao sistema de comunicação visual (imagens e representações gráficas) (Schmitt, 2006). Huang e Tan (2007) a explicam como uma representação visual dos dados, da informação ou do conhecimento. Para Valero Sancho (2010), a infografia utiliza recursos mistos e linguagens de diversas procedências, tais como desenhos, fotografias ou vídeos, bem como, signos e sons mais ou menos conhecidos. Cairo (2008) simplifica ao afirmar que a infografia é qualquer informação apresentada na forma de diagrama, se tratando de uma representação abstrata da realidade.

O infográfico é elaborado a partir de um objetivo claro e perguntas formuladas sobre o tema a ser tratado. A partir disso, uma pesquisa é realizada em livros, materiais disponíveis na internet, documentos, fotos, consulta a especialistas, pesquisadores, professores, autoridades

e/ou testemunhas, entre outros. Só então, os dados passam a ser organizados e planejados para que, posteriormente, o infográfico seja produzido. Esta primeira etapa é chamada de “coleta de dados/informações” por Lapolli e Vanzin (2016).

A segunda etapa de elaboração de uma infografia é nomeada de “planejamento” (LAPOLLI, VANZIN, 2016). Nesta fase, a organização e estruturação dos dados/informações é fundamental, garantindo que eles possam ser compreendidos, absorvidos e transformados em conhecimento. O uso de um esboço ou *storyboard* auxilia este passo, podendo inclusive apontar algumas lacunas de informação. Neste caso, é necessário voltar à etapa de coleta de dados, demonstrando que não haver uma linearidade no processo de elaboração e desenvolvimento de um infográfico.

Quando o planejamento é bem realizado e detalhado, a terceira etapa de “execução” (LAPOLLI, VANZIN, 2016) é facilitada. Neste momento, elementos visuais e verbais devem ser utilizados de forma indissociável, formando uma narrativa coesa. Além disso, esses elementos podem estar dispostos de maneira a construir infografias mais ou menos elaboradas em termos estéticos.

Para Valero Sancho (2001), a infografia pode funcionar sem cumprir certo requisito estético, todavia qualquer elemento gráfico, ilustração ou desenho com certa dose de originalidade, beleza etc., permite obter um valor superior de conotações. Contudo, este pesquisador enfatiza que as tecnografias modernas, frequentemente estéticas, mesmo sendo importantes, são elementos secundários quando o documento tem propósitos de divulgação de conhecimentos (Valero Sancho, 2015).

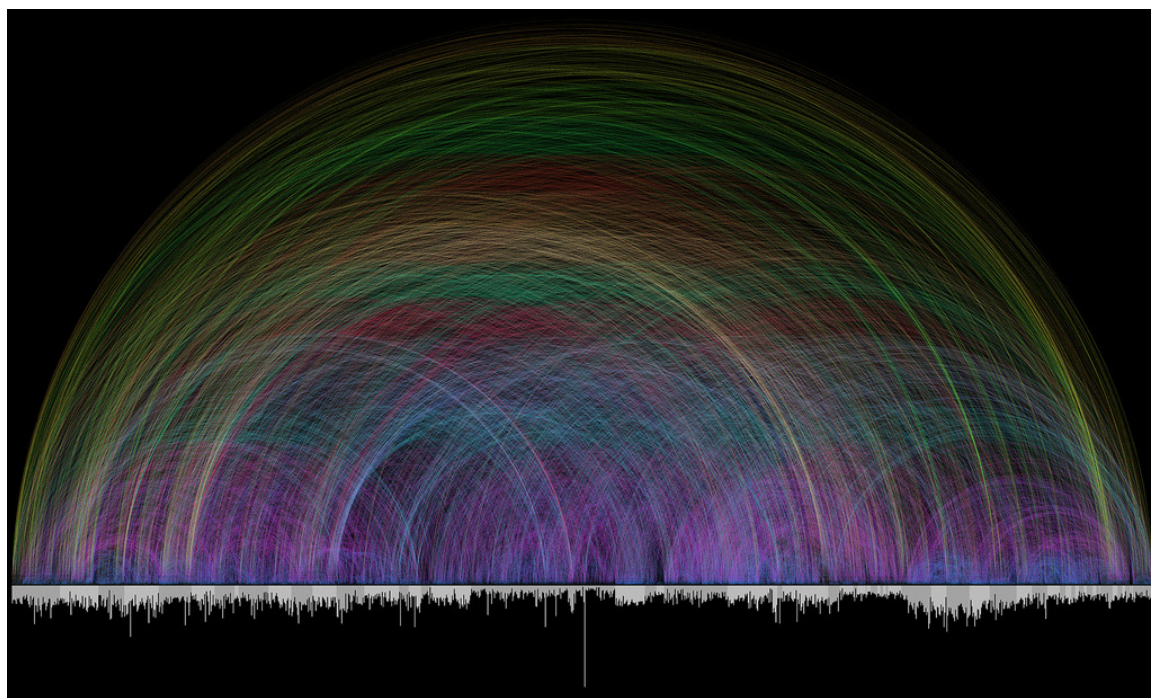
Assim, o objetivo principal de um infográfico é sua funcionalidade conforme relata Teixeira (2015):

É óbvio que quanto melhor eu puder fazer isso, do ponto de vista de recursos gráficos visuais, mais eficiente ele vai ser. O que não quer dizer que a minha prioridade tenha que ser a questão estética, porque às vezes ele pode ficar muito bonito, mas ele fica incompreensível e nós temos vários exemplos assim. Portanto, eu acho que a questão não é se valorizar mais ou menos a questão estética, é ter sempre como primeiro plano, como primeiro objetivo, levar informação de qualidade para alguém e que o infográfico sirva para isto, seja compreensível na sua totalidade com este objetivo.

Como exemplo dessa incompreensão de uma infografia, que Teixeira menciona em sua fala, é o infográfico *Bible Cross-References*, elaborado por Chris Harrison. Este trabalho começou com uma colaboração entre Chris e o pastor luterano Christoph Römheld em 2007, que juntou dados sobre as referências textuais cruzadas na Bíblia. Juntos eles encontraram uma solução elegante para transmitir os dados, sendo mais de 63 mil referências cruzadas no total. Em seu site (<http://www.chrisharrison.net/index.php/Visualizations/BibleViz>), Chris Harrison diz que no decorrer do trabalho pensaram em fazer uma visualização interativa, mas que isto não seria tão

interessante já que diversos programas ofereciam uma funcionalidade similar. Em vez disso, o próprio infografista expõe que a solução proposta é mais bonita do que funcional, conforme pode ser observado na figura 1.

Figura 1 Infográfico Bible Cross-References de Chris Harrison. Fonte: disponível em: <<http://www.chrisharrison.net/index.php/Visualizations/BibleViz>>.



O gráfico de barras em diferentes tons de cinza, localizado na parte inferior da imagem, representa os capítulos da Bíblia. O comprimento das barras denota o número de versículos em cada capítulo. Cada uma das 63.779 referências encontradas é representada por um único arco enquanto suas cores correspondem à distância entre os dois capítulos, criando assim um efeito arco-íris (Harrison, s/d). Sem esta explicação é difícil compreender os dados apresentados nesta infografia e suas conexões. Mesmo sabendo do que se trata, é complicado extrair conclusões sobre esses dados.

Voltando a questão levantada por Teixeira, o aspecto funcional da infografia deve ser levado em consideração para que ela se torne compreensível para o público. Neste sentido, Rafael Quick (2015) ressalta que o infográfico deve ser informativo:

[...] é o primeiro ponto, é a base de tudo. [...]. Agora a informação tem que ser lida, então não adianta ficar só pensando em informação e fazer uma página que o leitor não tenha entrada, não consegue entrar, não consegue entender aquilo direito por estar muito denso. [...] aí que eu acho que entra a importância do apelo visual, de fazer uma fotografia, sair do vetor,

tentar fazer outras técnicas. Eu acho que a importância é chamar o leitor. O nosso trabalho falha se a gente não consegue fazer o leitor ler aquilo. Se a função é informar, parte grande de informar é o cara ter paciência pra ler. [...] às vezes é subestimado como firula, essa parte estética. Eu discordo completamente, eu acho que é tão importante quanto estruturar e fazer a informação.

Taciro (2015) entende que estética e conteúdo não brigam, alegando que quando a coisa é bem feita, você utiliza bem as duas coisas. Corroborando com essa visão, Català (2015) declara que a estética deve servir para atrair e induzir a curiosidade e a memória do leitor, sendo que as infografias perdem força quando não cumprem este quesito. Contudo, para este infografista, os conteúdos são fundamentais, devendo-se buscar um equilíbrio entre conteúdos simples, sintéticos e claros com recursos visuais que as tornem atrativas. Deste modo, não adianta criar bons gráficos ou ter uma informação correta se o indivíduo não conseguir criar um toque especial, colocar cor, colocar design, trabalhar bem a tipografia (Vergotti, 2015)

Aquilo que outros infografistas e pesquisadores denominam de estético ou atrativo, Tascón (2013) titula de elemento persuasivo, que chame a atenção e instigue o público a ver o que tem num infográfico. Ademais, Tascón diz que a infografia deve contemplar também um elemento informativo, não possuindo um papel apenas estético.

Diante do exposto, é possível observar uma convergência de ideias entre os infografistas e pesquisadores desta área, que destacam a informação, a funcionalidade e a persuasão como elementos fundamentais de uma infografia, ressaltando que o componente estético deve acompanhar essas noções. Assim, as infografias publicadas em revistas, jornais, livros etc. não pertencem exclusivamente ao campo da experiência estética, transformando-se num fenômeno ligado ao conhecimento.

3 Objetividade e subjetividade na infografia de Jaime Serra

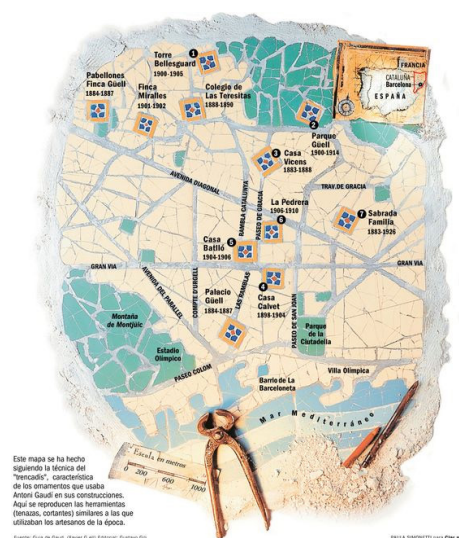
O espanhol Jaime Serra é um infografista, jornalista, artista, consultor e professor. Ingressou no ramo da infografia em 1991 no jornal *El Periódico de Cataluña*. Entre 1995 e 2001 trabalhou no jornal argentino *El Clarín*, época em que o veículo tornou-se reconhecido pela revolução na linguagem infográfica, tanto pelos critérios estéticos como pela ampliação de temas que anteriormente não costumavam ser apresentados por meio deste recurso comunicativo. Em 2012, Serra foi reconhecido pela *Society for News Design* no 200 Malofiej como o infografista mais influente do mundo no período de 1992 a 2012, além de ter recebido diversos prêmios de proeminentes organizações mundiais atreladas ao design, jornalismo e infografia. Trabalhou em importantes jornais de diversos países. Atualmente, é colunista do espanhol *La Vanguardia* onde foi pioneiro na elaboração de colunas de opinião apresentadas no formato infográfico.

Para exemplificar o conteúdo informativo associado a experiência estética, primeiramente, foram selecionadas duas infografias de Serra publicadas no Clarín. Optou-se por resgatar trabalhos deste período em que ele e sua equipe inspiraram diversos outros profissionais a buscar novas maneiras de se fazer infografia, indo além da ilustração vetorial. Serra utilizava materiais como fotografias, mosaicos, pinturas com chá para a confecção de seus infográficos.

Esse processo de criação inovador para a época ampliava as possibilidades comunicativas dos infográficos, até então utilizados para comunicar informações de uma maneira objetiva, mediante um sistema que buscava reduzir ao máximo a polissemia. Um dos aspectos mais interessantes desses trabalhos era o fato de que o impacto causado pela sua intensa expressividade não comprometia a clareza de compreensão das informações representadas. Serra fazia uso deliberado da polissemia para acrescentar significados no processo de comunicação, sem comprometer a transmissão de dados e informações no infográfico [...] (Pliger, 2012, p.20).

Neste sentido Serra se aproxima das artes visuais, obtendo um valor superior de conotações em seus trabalhos. De acordo com Serra (2015), seu interesse na época era empregar a técnica plástica, uma vez que estava cansado de trabalhar com o computador. O Jornal Clarín lhe deu esta liberdade de imprimir seu estilo pessoal em suas infografias. Isto pode ser visto na figura 2, que apresenta o infográfico *La Barcelona de Gaudí*. O mapa que aparece nesta publicação, localizando todos os edifícios de Antoni Gaudí (1852-1926) em Barcelona, foi elaborado com a mesma técnica de mosaicos que o arquiteto catalão utilizava em suas construções. O texto que aparece no canto inferior esquerdo da infografia revela isso, além de comunicar que as ferramentas reproduzidas na peça são similares àquelas usadas pelos artesãos na época.

Figura 2 Infográfico *La Barcelona de Gaudí* de Jaime Serra. Fonte: disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/_LCqDL3ondZQ/TCaXoCkAwYI/AAAAAAAAAwI/mc8D4ieX_Fo/s1600/GAUDI1.jpg>.



A figura 3 exibe outro infográfico elaborado por Jaime Serra durante o período que esteve no jornal argentino supracitado. Neste trabalho, o infografista utilizou um papel especialmente feito a mão com erva-mate moída. Além disto, o próprio chá foi usado como tinta para colorir as ilustrações que compõem a obra. Com criatividade e domínio de técnicas ilustrativas, Serra apresenta uma série de informações sobre o mate, revelando um comprometimento estético em seu trabalho.

Figura 3 Infográfico Oro Verde de Jaime Serra. Fonte: disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_LCqDL3ondZQ/S6yjEUIHhjI/AAAAAAAAATo/1EwJlyN8kVw/s1600/Mate.jpg>.



Depois dos exemplos do jornal Clarín, na figura 4 mostra-se uma das colunas que Jaime Serra vem publicando no Jornal La Vanguardia da Espanha, onde atua desde 2007. *Datos en los bolsillos*, publicada no dia 30 de junho de 2014, traz uma série de objetos encontrados por Serra nos bolsos de seu filho durante o primeiro semestre de 2005, quando o menino tinha sete anos de idade. Em seis meses, preencheu três caixas de sapatos com esses artefatos. No solo de sua casa, construiu um círculo distribuindo os objetos - do interior ao exterior - em quatro conceitos (jogo, natureza, doce e magia).

Figura 4 Infográfico *Datos en los bolsillos* de Jaime Serra. Fonte: SERRA, 2014. disponível em: <http://jaimeserra-archivos.blogspot.com.br/2014/06/blog-post_30.html>.

40 LA VANGUARDIA
TENDENCIAS
DOMINGO, 29 JUNIO 2014



Miles de personas reivindican el Orgullo Gay en Barcelona

La marcha del Orgullo LGTB de Barcelona reunió ayer a miles de personas en apoyo al colectivo de lesbianas, gays, transexuales y bisexuales. El desfile comenzó a las 18.30 horas en la plaza Universitat, y las carrozas recorrieron la avenida del Paral·lel para acabar en la avenida Maria Cristina. Allí se montó un escenario que acogió la fiesta final, que duró hasta la madrugada. También se leyó un manifiesto en el que se pidió respeto a los derechos de los homosexuales. Los participantes celebraron, no obstante, que el Parlamento esté tramitando una ley contra la homofobia. Pride Barcelona recordó el atractivo interaccional de este desfile en una ciudad que, según sus cálculos, recibió el año pasado unos 500.000 turistas LGTB. / EP

Jaime Serra

Datos en los bolsillos

Hacia meses que metía la mano en los pequeños bolsillos de su hijo como quien desmenua un regalo. Tras poner la lavadora se quedaba mirando con fascinación la cerilla usada, la piedra roma, la goma de pelo, la media pizca de madera mordida... Objetos de todo tipo, pero no cualquier objeto. Incapaz de desprenderse de ellos se preguntaba cuál sería el criterio de selección. En seis meses había llenado tres cajas de zapatos. Apartó el sofá y sobre el suelo de la sala construyó un círculo distribuyendo los objetos en cuatro conceptos y calculando el porcentaje que ocupaba cada uno.


Juego


Naturaleza


Dulce


Magia

Le pareció que toda aquella porquería —de cuyos datos no cabía extraer ninguna conclusión— era luminosa como un día soleado.



Trabajo que forma parte de la exposición del Centre de Cultura Contemporània de Barcelona "Big Bang Data" y que puede verse gratuitamente en formato póster. El original se encuentra expuesto en el Museu d'Art Jaume Morera de Lleida

Así es una jornada de una médico de Vall d'Hebron con las urgencias al límite

“Que no se escape algo”

ANA MACHPHERSON
Barcelona

Llega a las 8 de la mañana dispuesta a disfrutar con su trabajo, el que le dispensa la adrenalina y la satisfacción. Cuando demuestra que puede resolver el problema urgente de esa persona que acaba de llegar a la puerta porque ella sabe hacerlo. Va a parar ese golpe, incluso la va a salvar.

“Pero la realidad es otra. Llegas a las 8 de la mañana y recibes 50 enfermos que quedan pendientes de ingreso, o de exploración, o de tratamiento. Alguno es un enfermo crítico para el que no hay de momento ninguna cama con ese nivel de vigilancia, otro lleva varios días en el área de observación, aunque ya no es un paciente urgente, sino alguien al que deberían tratar en el servicio correspondiente de hospitalización, con sus especialistas y un plan de tratamiento adecuado, no de urgencias”. Lo relata Teresa Soriano, 42 años, diez como adjunta del servicio de urgencias de Vall d'Hebron, cinco de residente en ese servicio.

Esa realidad supone que cada médico se adjudicará el cuidado y la vigilancia de diez pacientes que competirán en atención y tiempo con los nuevos casos urgentes que llegan.

“Y empiezas a tener dudas de si se te ha escapado algo. Una pesadilla”.

De eso hablan los médicos de urgencias de Vall d'Hebron cuando refieren su miedo ante la situación límite que describen en su servicio. El viernes pasado lo denunciaron en *La Vanguardia*. El remanente de pacientes que cada día queda pendiente de ingreso sume a los equipos en una sobrecarga que les lleva al riesgo de error. “No nos dan miedo los pacientes con una emergencia. Estamos preparados precisamente para eso! Sabemos cómo responder”. El problema son los otros. Los ya atendidos y en espera. Muchos son frágiles y pueden empeorar. Hay que ir vigilando, reevaluando, cambiando tratamientos en función de los cambios detectados, pidiendo nuevos análisis. “Y quizá se

Otros, para recibir a los nuevos. Confían en que a lo largo de la mañana van encontrando cama para los pendientes. Mientras, van acumulándose los recién llegados. A partir del mediodía, hacia la una, el ambiente alcanza su momento más agobiante. De los 30 que quedaban pendientes a las 8 de la mañana aún están ahí 25. Y las ambulancias han ido descargando nuevos pacientes con problemas más o menos graves, pero nuevos.

Ya no hay sitio. Esperan en el pasillo. Hora de comer. Cuando hay que explorar, sacan al que está en el box y entran al nuevo, y así van entrando y saliendo. Quedan colgados así, uno al lado del otro, su acompañante a los pies, al lado. “Y no te quitas la angustia. Que no se te escape algo. Reprégnatas, represas constantes. Y vuelves a los nuevos, un dolor torácico que sugiere un posible infarto, una insuficiencia respiratoria aguda”. Dos ritmos simultáneos para médicos y para enfermería, profesionales preparados para actuar con precisión y rapidez que han de poner en marcha también el otro modelo de atención el propio de la hospitalización.

“El hospital, seguro, tiene un enorme ángel de la guarda”.

La doctora Soriano insiste en que los equipos dan el 200%, “pero cuanto más paciente heredado, menos capacidad de maniobra”.

Que no se te escape algo.

El apobio cotidiano lleva a más de uno a dejar la especialidad. “Dos del equipo se han presentado al MIR para hacer otra especialidad”, explican. Otros se apuntan a natación para combatir el estrés. “O a clase de zumba. Vámonos”.

Em suas colunas no *La Vanguardia*, Jaime foi mais uma vez pioneiro e criativo, elaborando infográficos de opinião, um gênero inédito até então no jornalismo. Em entrevista concedida ao portal Visualoop, Serra (2012) refere-se às suas colunas como artigos de opinião que revelam claramente ao leitor que ali não se apresentam acontecimentos, a não ser na perspectiva específica de um indivíduo (o autor) que, neste caso, expressa aspectos pessoais:

Isso é arte? Acho que não. Em qualquer caso, o que importa mesmo é se é interessante para um grupo suficiente de leitores. Mas reconheço que eu precisei da comprovação que foi dada por grandes profissionais como Pablo Corral Vega, Roberto Guareschi, Mario Tascón ou Alfredo Tribiño, de que essas colunas eram jornalismo, quicá um novo jornalismo, para superar meus próprios preconceitos sobre o que é ou não jornalismo, e, portanto, o que deve ou não deve ser publicado no jornal (Serra, 2012).

Embora a experiência estética nos infográficos de opinião estejam mais próxima daquela vivenciada quando um sujeito está diante de uma obra de arte, ainda se trata de um conteúdo informativo. Sobre isto, Serra (2012) diz que nada do que é publicado em um jornal deve ser criado com a finalidade de ser arte, mas que se o intérprete considerar que determinada peça jornalística seja também arte, é outra questão. Ele exemplifica isto com o trabalho de Wegee (pseudônimo de Arthur Fellig) e Robert Capa (pseudônimo de Endre Ernő Friedmann), fotojornalistas que mesmo preocupados apenas em capturar notícias, ganharam a parede dos mais importantes museus do mundo.

No artigo *La infografía no puede ser arte, pero el arte si puede ser infografía*, Serra (2014) traz à tona a discussão sobre a objetividade e a subjetividade nas infografias. Nesta pesquisa, o infografista diz que, como ferramenta de comunicação humana completa, a infografia pode representar fantasia ou realidade, fatos ou verdades. Declara ainda que o que foi visto até então são representações de fatos e realidades, questões externas ao ser humano interpretadas da maneira mais objetiva que ele é capaz. Diante disso, Serra (2014) levanta a indagação: mas se utilizarmos a infografia como ferramenta de linguagem para narrar fantasias ou verdades, com o componente emocional e subjetivo que isto implica, questões internas ao indivíduo, pertencentes ao mundo da subjetividade, frente a que o intérprete se encontra?

Pode-se afirmar que a resposta para esta pergunta é respondida pelo próprio infografista com seus trabalhos que ele denomina de infografias subjetivas. Estes trabalhos transcenderam as páginas dos jornais, ganhando fins artísticos, e foram parar em importantes museus espalhados pelo mundo. Suas obras já foram expostas em Buenos Aires (Argentina), Querétaro (México), Washington (Estados Unidos), bem como em Barcelona, Pamplona, Lleida, Madrid e La Coruña (Espanha). Exemplo de infografia que migrou da página do jornal para a parede do museu foi a obra intitulada *Datos en los bolsillos* já citada nesta pesquisa. Nas figuras 5 e 6 é possível visualizar esse trabalho exposto como obra de arte.

Figura 5 Exposição de Jaime Serra no *Museu d`Art Jaume Morera* – Lleida 2014. disponível em: <http://jaimeserra-archivos.blogspot.com.br/2014/06/blog-post_21.html>.



Figura 6 *Datos en los bolsillos* – Papel Fotográfico sobre dibond cristalizado – 90X90 cm. disponível em: <http://jaimeserra-archivos.blogspot.com.br/2014/06/blog-post_21.html>.



No artigo *A todos les encanta hablar de 'mi'*, Serra (2015) revela que para construir suas obras artísticas utiliza o mesmo método infográfico que para finalidades científicas: escolha do tema, pesquisa, edição e forma de representação. O resultado se aproxima de uma infografia convencional, o que muda é o conteúdo que não busca a objetividade, mas a subjetividade, não tratando do coletivo, mas do indivíduo (Serra, 2015).

Em suas exposições, Serra utiliza outros suportes além da obra gráfica, como o vídeo, a arte participativa ou a performance. Assim, este infografista está sempre em busca de novas maneiras de se utilizar da infografia, esmaecendo as barreiras entre comunicação, jornalismo e arte. Colocando em questão a objetividade e a subjetividade presentes neste recurso comunicativo que faz uso de um forte apelo visual.

4 Considerações Finais

Utilizada na comunicação humana desde os primórdios da humanidade, a infografia evoluiu com o desenvolvimento das tecnologias. O uso desse recurso visual eclodiu na década de 1980 e foi potencializado nos anos de 1990. Esta visibilidade da infografia fez emergir discussões práticas e teóricas sobre o tema. Entre elas, a questão da objetividade e da subjetividade, recaindo sobre o componente estético dos infográficos.

Na pesquisa realizada com infografistas e pesquisadores da área, o resultado foi unânime, ou seja, todos eles concordaram com o casamento entre conteúdo e estética no momento de se elaborar uma infografia. Imagens que não contribuem para a compreensão do conteúdo, cumprindo um papel meramente estético, devem ser suprimidas. Assim como conteúdos sem uma dose de originalidade, beleza, design, escolha adequada de cores e tipografias, correm o risco de não serem assimilados pelos intérpretes.

Jaime Serra surgiu no foco desta discussão, ampliando o debate proposto com seu trabalho inovador na produção de infografias. Sua visão de artista o fez experimentar novas técnicas, abordar novos assuntos e, até mesmo, estabelecer um novo gênero jornalístico com seus infográficos de opinião. O jornalista trouxe a subjetividade à cena, questionando a objetividade presente nas infografias até então existentes.

Nas mãos de Serra, a infografia ganhou lugar nos mais importantes museus do mundo onde pode ser essencialmente contemplada. Ao deslocar sua obra do âmbito jornalístico para o artístico, Serra abre novas possibilidades para a infografia e a coloca como um recurso cuja veracidade dos dados e informações passam a ser questionados. Seu valor estético também ganha outra dimensão quando alocada em uma exposição. Com Serra e inspirado por ele, a infografia foi além da objetividade.

Referências

- CAIRO, A. *Infografia 2.0: visualizacioninteractiva de informacionen prensa*. Espanha: Alamut, 2008.
- _____. *The Functional Art*. Berkeley: New Riders, 2013.
- CATALÀ, J. *Entrevista semiestruturada*. Entrevista concedida a Mariana Lapoli, 09 set. 2015.
- Datos en los bolsillos*. Disponível em: <http://jaimeserra-archivos.blogspot.com.br/2014/06/blog-post_21.html>. Acesso em: 07 jul. 2016.
- DE PABLOS, J. M. *Siempre ha habido infografia*. *Revista Latina de Comunicación Social*, La Laguna, Tenerife, n. 5, Mayo 1998. Disponível em: <<http://www.ull.es/publicaciones/latina/a/88depablos.htm>>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- Exposição de Jaime Serra no Museu d`Art Jaume Morerade - Lleida 2014*. Disponível em: <http://jaimeserra-archivos.blogspot.com.br/2014/06/blog-post_21.html>. Acesso em: 07 jul. 2016.
- HARRISON, C. *Bible Cross-References*. s/d. Disponível em: <<http://www.chrisharrison.net/index.php/Visualizations/BibleViz>>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- HUANG, W.; TAN, C. L. A System for Understanding Imaged Infographics and Its Applications. *DocEng'07*, August 28–31, 2007, Winnipeg, Manitoba, Canada.
- La Barcelona de Gaudí*. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/_LCqDL3ondZQ/TCaXoCkAwYI/AAAAAAAAAwI/mc8D4ieX_Fo/s1600/GAUDI1.jpg>. Acesso em: 07 jul. 2016.
- LAPOLLI, M.; VANZIN, T. *Infografia na era da cultura visual*. Florianópolis: Pandion, 2016.
- MORAES, A. *Infografia: história e projeto*. São Paulo: Blucher, 2013.
- Oro Verde*. Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_LCqDL3ondZQ/S6yjEUIMhjI/AAAAAAAAATo/1EwJlyN8kVw/s1600/Mate.jpg>. Acesso em: 07 jul. 2016.

- PLIGER, M. *A Construção da Expressividade na infografia: um estudo de criações de Jaime Serra*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- QUICK, R. *Entrevista semiestruturada*. Entrevista concedida a Mariana Lapolli, 09 set. 2015.
- SCHMITT, V. *A infografia jornalística na ciência e tecnologia: um experimento com estudantes de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina*. 2006. 105 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento), Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2006.
- SERRA, J. *A todos les encanta hablar de 'mi'*. 2015. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/267579585/A-Todos-Les-Encanta-Hablar-de-Mi>>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- _____. *Datos en los bolsillos*. *La Vanguardia*, Barcelona, 30 jun. 2014. Coluna de Jaime Serra, p. 40. Disponível em: <http://jaimeserra-archivos.blogspot.com.br/2014/06/blog-post_30.html>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- _____. *Entrevista*. Entrevista concedida a Tiago Veloso, 19 nov. 2012. Disponível em: <<http://visualoop.com/br/3291/conversa-com-jaime-serra>>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- _____. *La infografía no puede ser arte, pero el arte si puede ser infografía*. 2014. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/241437788/La-infografia-no-puede-ser-arte-pero-el-arte-si-puede-ser-infografia-pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- TACIRO, W. H. *Entrevista semiestruturada*. Entrevista concedida a Mariana Lapolli, 09 set. 2015.
- TÁSCON, M. *Entrevista semiestruturada sobre as narrativas infográficas desenvolvidas*. Entrevista concedida a Mariana Lapolli, 13 dez. 2013.
- TEIXEIRA, T. *Entrevista semiestruturada*. Entrevista concedida a Mariana Lapolli, 24 set. 2015.
- TUFTE, E. R. *Envisioning Information*. Cheshire: Graphics Press, 1990.
- VALERO SANCHO, J. L. *La infografía de prensa*. *Revista Latina de Comunicación Social*, p.121-131, 2000.
- _____. *La infografía: técnicas, análisis y usos periodísticos*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, Servei de Publicacions, 2001.
- _____. *Entrevista semiestruturada sobre as narrativas infográficas desenvolvidas*. Entrevista concedida a Mariana Lapolli, 22 nov. 2013.
- VERGOTTI, M. *Entrevista semiestruturada*. Entrevista concedida a Mariana Lapolli, 09 set. 2015.

Sobre a Autora

Mariana Lapolli, Dra.

<mariana@editorapandion.com>

Editora Pandion. Rua Flavio de Melo, 156 – ap. 101 - Vila Mariana – 04117-130 – São Paulo - SP